

Práticas corporais de aventura na educação física escolar: indícios a partir dos trabalhos apresentados no CBAA/CIAA 2024

Gabriel Gonçalves Lessa Candido¹
<https://orcid.org/0009-0007-3837-3020>
Jorge Francisco Lessa¹
<https://orcid.org/0009-0001-0724-1435>
Jessica Christine Vital da Silva¹
<https://orcid.org/0009-0004-0747-8944>
Erik Imil Viana Farani¹
<https://orcid.org/0000-0001-6218-9580>
Aline Lopes Rebouças Gomes¹
<https://orcid.org/0000-0003-2002-4475>
Cassio Martins¹
<https://orcid.org/0000-0003-1851-9268>

1 - Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

Resumo: Este artigo investiga a presença e a abordagem das Práticas Corporais de Aventura (PCAs) no contexto escolar a partir dos trabalhos apresentados no XIII Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura e no VII Congresso Internacional de Atividades de Aventura, realizados em 2024. Trata-se de pesquisa qualitativa, exploratória e documental, orientada pelo Paradigma Indiciário de Carlo Ginzburg. Dos 123 trabalhos publicados, 63 eram apresentações orais; após a aplicação dos critérios de seleção, o corpus foi constituído por 24 produções vinculadas ao âmbito escolar. Os trabalhos foram agrupados em cinco eixos de familiaridade temática. Os resultados evidenciam o predomínio de relatos de experiência, a presença expressiva da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, a recorrência de adaptações de espaços e materiais e a centralidade do risco controlado como dimensão pedagógica. Como lacunas, destacam-se a baixa presença de estudos sobre inclusão e acessibilidade, a pouca sistematização da avaliação, a menor quantidade de trabalhos sobre o Ensino Médio e a necessidade de aprofundamento da formação docente. Conclui-se que as PCAs vêm sendo apropriadas pela escola de modo criativo e contextualizado, embora sua consolidação dependa de avanços curriculares, formativos e institucionais.

Palavras-chave: Práticas Corporais de Aventura. Educação Física escolar. CBAA/CIAA. Paradigma indiciário. Análise documental.

INTRODUÇÃO

O Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA), articulado ao Congresso Internacional de Atividades de Aventura (CIAA), constitui espaço de produção e circulação de conhecimentos sobre a aventura em suas interfaces com educação, lazer, turismo, esporte, segurança, sustentabilidade e formação profissional. Seus anais registram pesquisas, relatos e reflexões que permitem acompanhar os modos pelos quais esse campo vem se organizando e, particularmente, como as práticas de aventura têm sido apropriadas pela Educação Física Escolar (EFE) (Porretti, 2024; Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009).

No contexto escolar, as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) ampliam o repertório

cultural dos estudantes ao mobilizarem desafio, imprevisibilidade, cooperação, autonomia, tomada de decisão, relação com o ambiente e risco controlado. Entretanto, sua efetivação ainda encontra obstáculos associados à formação docente, à infraestrutura, aos materiais, ao tempo pedagógico e à segurança, demonstrando que a presença curricular do conteúdo não garante, por si só, sua consolidação nas aulas (Tahara; Darido, 2016; França et al., 2023; Soler; Rombaldi; Müller, 2024).

Diante desse cenário, o estudo tem como objetivo investigar a presença e a abordagem das PCAs no contexto escolar a partir dos trabalhos apresentados no CBAA/CIAA 2024, identificando recorrências, lacunas, possibilidades pedagógicas e desafios. Para ultrapassar um levantamento apenas descritivo, a interpretação foi orientada pelo Paradigma Indiciário (PI), que permite compreender sinais, recorrências e ausências presentes nos documentos como pistas de processos mais amplos da constituição do campo (Ginzburg, 1989; Leandro; Passos, 2021).

REFERENCIAL TEÓRICO

Paradigma Indiciário e Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar

O PI, associado à obra de Carlo Ginzburg, constitui uma perspectiva de investigação voltada à interpretação de sinais, pistas, rastros e vestígios aparentemente secundários. Em vez de se restringir às grandes regularidades, essa abordagem considera que detalhes, recorrências e ausências podem revelar dimensões mais amplas da realidade investigada. Em pesquisas qualitativas, essa lógica favorece uma leitura atenta dos documentos e de suas marcas, permitindo construir interpretações contextualizadas sobre processos sociais e educacionais (Ginzburg, 1989; Leandro; Passos, 2021).

Aplicado aos anais do CBAA/CIAA, o PI permite tratar os trabalhos acadêmicos como documentos que expressam escolhas teóricas, metodológicas e pedagógicas. Assim, interessa observar não apenas as modalidades de aventura, etapas de ensino e experiências relatadas, mas também aquilo que aparece com frequência, de modo periférico ou permanece pouco desenvolvido. As lacunas referentes à inclusão, avaliação, formação ou condições materiais, por exemplo, tornam-se dados analíticos quando interpretadas em relação ao conjunto do corpus (Ginzburg, 1989; Leandro; Passos, 2021).

Na EFE, as PCAs oferecem possibilidades de diversificação curricular e de construção de experiências vinculadas à autonomia, cooperação, responsabilidade e relação com diferentes ambientes. Sua escolarização, porém, requer planejamento,

adaptação de espaços e materiais e mediação pedagógica do risco, de modo que práticas como orientação, escalada, slackline, parkour, trilhas e jogos de vertigem sejam transformados em conteúdos educativos adequados às condições da escola e às características dos estudantes (Tahara; Darido, 2016; França et al., 2023; Soler; Rombaldi; Müller, 2024).

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, exploratória e documental. A fonte foi constituída pelos anais do XIII CBAA e do VII CIAA, realizados em 2024, compreendidos como documentos acadêmicos capazes de registrar modos de produção e circulação de saberes no campo das práticas de aventura (Porretti, 2024; Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009; Cellard, 2008).

A seleção ocorreu mediante leitura de títulos, resumos e textos disponíveis. Foram incluídas apresentações orais relacionadas diretamente ao contexto escolar, à EFE ou a experiências pedagógicas com PCAs. Excluíram-se produções voltadas exclusivamente ao turismo, lazer não escolar, treinamento, gestão e outras temáticas sem relação direta com a escola, bem como estudos exclusivamente de revisão. Dos 123 trabalhos publicados, 63 eram apresentações orais; 32 apresentavam vínculo com o âmbito escolar e, após a exclusão de oito revisões, 24 constituíram o corpus final.

Os trabalhos selecionados foram sistematizados em ficha de análise com informações sobre autoria, instituição, nível de ensino, prática de aventura, objetivo, metodologia, resultados e desafios apontados. Em seguida, foram agrupados por familiaridade temática e interpretados à luz do PI, considerando recorrências, singularidades, tensões e ausências. O procedimento permitiu articular a descrição do corpus à leitura crítica dos indícios sobre a inserção das PCAs na EFE (Ginzburg, 1989; Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009; Leandro; Passos, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de seleção do material está sintetizado no Quadro 1. A redução de 123 publicações para 24 trabalhos não pretende representar toda a produção do evento, mas delimitar documentos diretamente vinculados às experiências, diagnósticos, intervenções e análises do cotidiano escolar, em coerência com o problema e os objetivos da pesquisa.

Quadro 1 — Seleção do corpus do CBAA/CIAA 2024

Etapas	Nº
Trabalhos publicados	123
Apresentações orais	63
Apresentações orais vinculadas ao âmbito escolar	32
Revisões excluídas	8
Corpus final analisado	24

Fonte: elaborado pelos autores.

A leitura indiciária permitiu organizar os 24 trabalhos em cinco eixos: (i) práticas de aventura na Educação Infantil e nos Anos Iniciais; (ii) diagnósticos e percepção docente; (iii) intervenções pedagógicas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio; (iv) educação ambiental, interdisciplinaridade e saberes locais; e (v) saúde, inclusão e aspectos psicossociais. Os eixos não funcionam como categorias rígidas, mas como agrupamentos de familiaridade temática que evidenciam recorrências e lacunas do conjunto analisado (Ginzburg, 1989; Porretti, 2024).

Práticas de aventura na Educação Infantil e nos Anos Iniciais

O primeiro eixo reuniu sete trabalhos, número expressivo diante do fato de a Base Nacional Comum Curricular apresentar as PCAs de modo mais explícito nos Anos Finais do Ensino Fundamental. As experiências de Leonardo Filho et al. (2024), Peres, Couto e Martins (2024), Andrade et al. (2024), Fagionato-Ruffino, Mello e Ruffino (2024), Guedes, Holanda e Inácio (2024), Ferreira e Alves (2024) e Mota et al. (2024) indicam que a aventura pode ser tematizada desde a infância quando mediada pela ludicidade, imaginação, psicomotricidade, circuitos motores e escuta das crianças (Brasil, 2018).

Escalada, skate, slackline, parkour, trekking, rafting, jogos de vertigem e experiências psicomotoras apareceram de forma adaptada, com uso recorrente de pneus, cordas, cones, bambolês, skates, patinetes, colchonetes, pátios, quadras e outros espaços escolares. Esse conjunto evidencia que a ausência de equipamentos oficiais não inviabiliza as PCAs, embora exija planejamento e atenção à segurança. O risco controlado também se mostrou dimensão pedagógica: medo, altura, desequilíbrio, velocidade e imprevisibilidade foram tratados como elementos formativos quando mediados pelo professor e adequados à faixa etária (Tahara; Darido, 2016; Soler; Rombaldi; Müller, 2024).

Como indício, a presença desse eixo tensiona uma leitura restritiva da organização curricular e aponta um movimento de ampliação do acesso às PCAs. Nos trabalhos analisados, a aventura infantil aparece menos como reprodução técnica de modalidades e

mais como experiência corporal, simbólica e relacional, sugerindo possibilidades de inserção progressiva do conteúdo na Educação Básica (França et al., 2023; Ginzburg, 1989).

A diversidade das propostas também chama atenção para o processo de escolarização das práticas de aventura. Ao serem reorganizadas para crianças pequenas, as modalidades deixam de ser tomadas como modelos técnicos fechados e passam a ser mediadas por narrativas, desafios graduais, exploração de movimentos e situações de cooperação. Esse deslocamento preserva elementos constitutivos da aventura, como incerteza e superação de obstáculos, sem exigir a reprodução integral das práticas realizadas em contextos esportivos especializados (Tahara; Darido, 2016; França et al., 2023).

Diagnósticos e percepção docente sobre as práticas de aventura

O segundo eixo reuniu três estudos que convergem ao mostrar uma distância entre o reconhecimento do valor pedagógico das PCAs e sua efetiva presença no currículo. Em Petrópolis, Chrisostomo, André e Porretti (2024) identificaram baixa presença do conteúdo mesmo em um território fortemente associado às práticas de montanha. No IFRJ, Campos et al. (2024) observaram experiências com orientação e slackline, mas também dificuldades de infraestrutura, materiais, tempo e domínio técnico-pedagógico. Em Maringá-PR, Cássaro et al. (2024) apontaram as microaventuras como estratégia de aproximação docente com o conteúdo.

Esses diagnósticos constituem pistas de que a consolidação das PCAs não depende apenas da iniciativa individual do professor. A recorrência de dificuldades formativas e estruturais reforça a necessidade de formação continuada, apoio institucional e produção de alternativas pedagógicas que permitam adaptar o conteúdo às condições concretas da escola (Ginzburg, 1989; Tahara; Darido, 2016; França et al., 2023).

Intervenções pedagógicas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio

O terceiro eixo reuniu sete trabalhos com intervenções e relatos no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. As experiências envolveram esporte orientação, festivais de aventura, microaventuras, surfe, práticas circenses e propostas relacionadas a corpo, ambiente e território. Em comum, os trabalhos evidenciam processos de tradução pedagógica das PCAs por meio de sequências didáticas, circuitos, festivais e vivências progressivas, transformando práticas originalmente associadas ao esporte ou ao lazer em conteúdos da EFE (Risso; Pimentel, 2024; Brasil, 2018; Tahara; Darido, 2016).

No Ensino Fundamental, sobressaem a adequação à faixa etária, ao tempo da aula e às condições materiais; no Ensino Médio, as PCAs aparecem relacionadas a temas como juventude, território, saúde, lazer, meio ambiente, segurança e projeto de vida. Embora indiquem potencial para ampliar o repertório corporal e cultural dos estudantes, as produções também revelam pouca sistematização dos processos avaliativos e da continuidade curricular, aspectos necessários para que experiências pontuais se convertam em percurso pedagógico mais consistente (França et al., 2023; Soler; Rombaldi; Müller, 2024).

A presença de propostas que aproximam circo e aventura reforça essa possibilidade de reinvenção curricular. Acrobacias, equilíbrios, manipulação de objetos, deslocamentos e superação de obstáculos foram associados a processos de criação e colaboração, ampliando o sentido das PCAs para além do desempenho técnico. Esse movimento indica que a aventura pode dialogar com outras manifestações da cultura corporal e contribuir para experiências menos centradas no rendimento e mais orientadas à experimentação e à produção de sentidos pelos estudantes (Brasil, 2018; França et al., 2023).

Educação ambiental, interdisciplinaridade e saberes locais

O quarto eixo reuniu cinco trabalhos articulando PCAs, educação ambiental, interdisciplinaridade e saberes locais. Corrida orientada, atividades em unidades de conservação, práticas em ambientes naturais, mergulho e projetos envolvendo Educação Física e Geografia mostraram que a aventura pode aproximar corpo, escola, ambiente e comunidade. A leitura de mapas, a orientação espacial, o reconhecimento do território e o cuidado ambiental ampliam os espaços educativos para além da quadra e favorecem diálogos com outros componentes curriculares (Dias; Silva Junior, 2024; Brasil, 2018; Tahara; Darido, 2016).

Na perspectiva indiciária, a recorrência dessas experiências sugere um movimento de abertura da EFE ao território e aos saberes locais. Entretanto, os trabalhos nem sempre aprofundam avaliação, continuidade curricular, políticas públicas e formação docente para ações integradas, indicando que a articulação entre aventura e educação ambiental ainda necessita de maior sistematização (Ginzburg, 1989; França et al., 2023; Soler; Rombaldi; Müller, 2024).

A educação ambiental, nesse conjunto, não aparece apenas como tema complementar, mas vinculada às próprias formas de deslocamento, leitura e apropriação dos espaços. Trilhas, orientação e atividades em ambientes naturais favorecem discussões

sobre cuidado, pertencimento e responsabilidade, aproximando a experiência corporal da leitura crítica do território. Essa articulação amplia a compreensão da aula de Educação Física como prática que pode ocorrer em diferentes espaços educativos e estabelecer relações com a comunidade e com o entorno da escola (Tahara; Darido, 2016; Soler; Rombaldi; Müller, 2024).

Saúde, inclusão e aspectos psicossociais

O quinto eixo reuniu apenas dois trabalhos, o que lhe confere relevância indiciária. As produções apontam contribuições das PCAs para autoconfiança, cooperação, convivência, responsabilidade, tomada de decisão e cuidado com o outro. Contudo, a baixa presença de investigações especificamente voltadas à inclusão, acessibilidade e participação de estudantes com diferentes condições corporais e sociais evidencia uma lacuna importante do corpus (Ginzburg, 1989; Leandro; Passos, 2021; França et al., 2023).

A inclusão, nesse sentido, precisa aparecer como princípio do planejamento pedagógico e não apenas como adaptação pontual. A escassez de estudos sobre o tema, somada à pouca presença de pesquisas sobre avaliação, Ensino Médio e políticas de implementação, funciona como pista de questões ainda pouco desenvolvidas no campo e que demandam novas investigações (Brasil, 2018; França et al., 2023).

Síntese das recorrências e lacunas

A leitura transversal evidencia quatro recorrências principais: predominância de relatos de experiência e intervenções pedagógicas; presença expressiva da Educação Infantil e dos Anos Iniciais; adaptação criativa de materiais e espaços; e compreensão do risco como dimensão a ser pedagogicamente mediada, não eliminada. Esses achados indicam um campo próximo do cotidiano escolar e capaz de produzir respostas contextualizadas às limitações estruturais. Ao mesmo tempo, revelam dependência significativa da iniciativa docente e necessidade de maior institucionalização das PCAs (Porretti, 2024; Tahara; Darido, 2016; Ginzburg, 1989).

A predominância de relatos e intervenções aproxima a produção acadêmica das situações concretas de ensino e revela um esforço de professores, pesquisadores e projetos de extensão para produzir soluções diante de limites materiais e curriculares. Por outro lado, esse perfil do corpus também indica a necessidade de ampliar estudos com acompanhamento mais prolongado, análise dos processos de aprendizagem e explicitação de procedimentos avaliativos, de modo que os efeitos pedagógicos das propostas possam

ser compreendidos para além da descrição imediata das experiências (França et al., 2023; Soler; Rombaldi; Müller, 2024).

Entre as lacunas, destacam-se inclusão e acessibilidade, avaliação da aprendizagem, menor presença do Ensino Médio, formação inicial e continuada e políticas públicas de implementação. Tais ausências não constituem apenas limitações do corpus: na lógica indiciária, tornam visíveis temas que permanecem periféricos e ajudam a delinear uma agenda de pesquisa para a consolidação das PCAs na EFE (Leandro; Passos, 2021; França et al., 2023; Soler; Rombaldi; Müller, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise documental dos 24 trabalhos apresentados no CBAA/CIAA 2024 nos permitiu identificar que as Práticas Corporais de Aventura vêm sendo apropriadas pela Educação Física escolar por meio de experiências diversificadas, diagnósticos e intervenções que articulam ludicidade, desafio, risco controlado, ambiente e formação humana. Observamos o predomínio de relatos de experiência e uma presença expressiva de trabalhos voltados à Educação Infantil e aos Anos Iniciais, o que nos indica um campo em movimento, no qual professores e pesquisadores têm produzido adaptações e estratégias para ampliar a presença da aventura na escola.

Também identificamos que a criatividade docente e a adaptação de materiais, embora relevantes, não são suficientes para garantir a consolidação desse conteúdo no currículo. Verificamos a permanência de desafios relacionados à formação docente, à infraestrutura, à avaliação, à inclusão, à continuidade curricular, ao Ensino Médio e ao apoio institucional. Nesse sentido, compreendemos que as lacunas encontradas nos ajudam a reconhecer não apenas os avanços já alcançados, mas também os aspectos que ainda necessitam ser aprofundados no campo acadêmico e pedagógico.

Concluimos que as Práticas Corporais de Aventura apresentam potencial para contribuir com uma Educação Física escolar mais plural, crítica e contextualizada, desde que sua implementação articule intencionalidade didática, segurança, condições materiais, formação docente e democratização do acesso. Como perspectiva para estudos futuros, consideramos importante ampliar investigações voltadas à inclusão e acessibilidade, aos processos avaliativos, ao Ensino Médio, à formação inicial e continuada e às políticas públicas de inserção sistemática das Práticas Corporais de Aventura no currículo escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rubian Diego; FERREIRA JÚNIOR, Mateus Neiva; BORGES, Raquel de Magalhães; RIBEIRO, Simara Regina de Oliveira; FIGUEIREDO, Juliana de Paula. Clube da criança aventureira: uma proposta extensionista de atividades de aventura na Educação Infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 98-123.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 ago. 2026.

CAMPOS, Matheus; SOUZA, Gabriela Conceição de; CAMPOS, Anne Nascimento; RIBEIRO JUNIOR, Milton Felisberto; TRIANI, Felipe da Silva. O conteúdo de práticas corporais de aventura no IFRJ. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 39.

CÁSSARO, Elizandro Ricardo; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; CHRISTOFOLETTI, João Fernando; MALACARNE, Vilmar. Os professores estão preparados para ensinar aventura na Educação Física escolar? Panorama da realidade do Ensino Fundamental I em Maringá-PR. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 72-80.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CHRISOSTOMO, Breno Badaró de Abreu; ANDRÉ, Heloisa Gonçalves; PORRETTI, Marcelo Faria. A aventura em aulas de Educação Física de Petrópolis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 39.

DIAS, Cássia de Souza; SILVA JUNIOR, Milton Rodrigues da. Interdisciplinaridade e parceria municipal: uma análise pedagógica envolvendo a Educação Física e Geografia na corrida orientada. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 40.

FAGIONATO-RUFFINO, Sandra; MELLO, Marcia Maria de; RUFFINO, Giulia Fagionato. Atividades de aventura com crianças bem pequenas no espaço da Educação Infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 124-132.

FERREIRA, Evandro de Jesus; ALVES, Marcelo Paraíso. Práticas de aventura e jogos de

vertigem: experiências de equilibração para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 250-262.

FRANÇA, Dilvano Leder de; ROCHA, Adair José Pereira da; OLIVEIRA, Valdomiro de; VAGETTI, Gislaine Cristina. As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar: uma revisão de escopo. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 33, n. 66, e33[2023], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v33.n.66.s16988. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/16988>. Acesso em: 15 ago. 2026.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GUEDES, Diogo Geraldo da Silva; HOLANDA, George Ivan da Silva; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. As aventuras de “faz de conta”: a tematização das práticas corporais de aventura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sob a ótica das crianças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 240-249.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e74611, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hk9sxtYY6BCfcHxwYm3Q8zB/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2026.

LEONARDO FILHO, Paulo Cesar Gonçalves; SOMBRA, Fernanda Leocadio Bitencourt; COUTO, Thaiane Cavalcanti; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. Promovendo aventura na Educação Infantil: uma experiência pedagógica e desafiadora a partir de uma sequência didática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 37.

MOTA, Vanderlan Santos; SILVA, Jefferson Jurema; SANTOS, Antonio Henrique Simão dos; JESUS, Jucicleia Rabelo de; ARAUJO, Jandre Santiago Amorim de. Sala de psicomotricidade para as práticas corporais de aventura nos Anos Iniciais: um relato de uma escola em Manaus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 133-141.

PERES, Juliana de Jesus Pinheiro; COUTO, Thaiane Cavalcanti; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. Brincadeiras na Educação Infantil: um relato de experiência sobre aventuras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 81-97.

PORRETTI, Marcelo Faria. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura e do VII Congresso Internacional de Atividades de Aventura**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/anais-xiii-congresso-brasileiro-de-atividades-de-aventura-cbaa-vii-congresso-internacional-de-atividades-de-aventura-ciaa/>. Acesso em: 15 ago. 2026.

RISSO, Helli Faria Ferreira; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. A curricularização do esporte orientação no Ensino Fundamental II. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 13.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 7., 2024, Petrópolis. **Anais [...]**. Petrópolis: CEFET/RJ, 2024. p. 41-55.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 15 ago. 2026.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y; ROMBALDI, Claudiroger; MÜLLER, Antônio José. As práticas corporais de aventuras e a BNCC: um olhar sobre a Educação Física escolar. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 29, n. 2, p. 236-256, jul./dez. 2024. DOI: 10.18817/pef.v29i2.3986. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/3986. Acesso em: 15 ago. 2026.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola. **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016. DOI: 10.20396/conex.v14i2.8646059. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>. Acesso em: 15 ago. 2026.